

Aspectos da Cultura Cabocla: lembranças e esquecimentos

*Délcio Marquetti**
*Juraci Brandalize Lopes da Silva***

Resumo

O presente trabalho resulta de pesquisa realizada ao longo do ano de 2007, financiada pelo programa PIBIC/UNOESC, cujos objetivos consistiram basicamente em analisar as modificações sofridas pela cultura de populações caboclas de Xanxerê, provocadas pelo processo de colonização perpetrada a partir da década de 1920, por migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, descendentes, na sua maioria de italianos e alemães. A metodologia empregada utilizou-se de abordagens e técnicas da História Oral, onde foram entrevistadas quatro mulheres e um homem. Destes, três fazem parte de uma mesma família e constituem três gerações, onde a primeira entrevistada nasceu em 1939, a segunda no ano de 1953, e o terceiro no ano de 1976. As entrevistas privilegiam questões de caráter cultural com destaque para a cultura imaterial, como rezas, benzeduras, devoção aos santos e ao monge João Maria D'Agostini. Fragmentos dessa cultura encontram-se nas falas e práticas das depoentes, sendo quase inexistentes no depoimento do último depoente. Crenças e rituais ainda praticados ou dos quais se têm lembranças, persistem, mesmo diante do avanço das forças capitalistas em locais antes improváveis e da disseminação de novas correntes religiosas, muitas das quais também professam o cristianismo, porém em outras linguagens ou variações.

Palavras-chave: : memória, religiosidade, aculturação, resistência, cultura cabocla.

O processo de colonização da região oeste de Santa Catarina, levado a cabo por populações oriundas do Rio Grande do Sul, por meio das companhias de colonização que faziam o comércio dos lotes de terras, já é bastante conhecido e constitui-se numa espécie de história oficial da região. O progresso, o desenvolvimento, a construção de cidades e o avanço das forças capitalistas são marcos da presença de descendentes de italianos, alemães e outras etnias europeias, e estão presentes nos monumentos, praças públicas, nomes de ruas, construções e reforçando o imaginário da população local.

As trajetórias de vida de populações nativas e populações caboclas aparecem como espécie de pré-história da região, tempos de barbárie, ignorância e isolamento em relação aos avanços da civilização. A “verdadeira” história, história escrita e documentada, digna de ser contada e estudada, só teria começado com a vinda dos gaúchos.

As implicações desse processo colonizatório na vida das populações locais já mereceu estudos e análises de pesquisadores empenhados em vislumbrar outras leituras, criando novos campos de análise para o fenômeno, buscando e reconstituindo resquícios da cultura e modo de vida dos povos que “sofreram” o processo, fazendo emergir novas fontes que não estão nos museus, igrejas ou livros. São exemplos às pesquisas da antropóloga Arlene Renk, com destaque para a obra *A luta da erva* (1997), e do historiador Jaci Poli Caboclo: *pioneirismo e marginalização* (1991).

O presente trabalho segue nesta direção e resultou de pesquisa financiada pelo programa PIBIC/UNOESC durante os meses de fevereiro de 2007 a fevereiro de 2008. O trabalho contou com a colaboração do Projeto História e Memória, vinculado ao Programa de Alfabetização Regional da Unoesc. A problemática proposta consistiu em perceber, por meio da análise de elementos de sua cultura imaterial, especialmente aspectos da religiosidade, em que medida mantém-se costumes e tradições de populações caboclas, procurando lançar elementos no sentido de compreender o processo de transformações pelas quais seus modos de vida foram sendo alterados

com o avanço das forças capitalistas trazidos pelos migrantes descendentes de europeus. Objetivou-se contribuir com a reconstituição e preservação do patrimônio cultural legado por populações caboclas da região, bem como perceber e valorizar a diversidade étnico-cultural presente nos processos de constituição de identidades, compreendendo o processo de formação histórica região em questão de forma mais ampla e menos estereotipada.

Metodologia

A metodologia empregada consistiu de revisão crítica de literatura existente sobre a região e a cultura e trajetória do caboclo, seguida de pesquisa de campo que consistiu de entrevistas, cujos depoimentos convertem-se em fontes primárias de natureza oral. A heurística das fontes orais possibilitou a construção do conhecimento pretendido, bem como suscitou novos e inúmeros questionamentos.

A base documental deste trabalho consiste de depoimentos coletados entre abril e outubro de 2007, gravados em fitas K7, com base em questionamentos previamente formulados, a partir de técnicas da História Oral, seguidos de devida análise e interpretação. Após a gravação, procedeu-se a transcrição do documento, fiel às informações cedidas. Na segunda transcrição, corrigiram-se vícios de linguagem, erros de gramática e palavras repetidas, com o cuidado de manter indicados o acervo fraseológico e a caracterização vocabular do depoente (BOM MEIHY, 2002, p. 172).

Em seguida, procedeu-se a leitura do documento na presença do entrevistado para devida conferência e, após as observações, correções e consentimento deste, realizou-se a terceira transcrição, definitiva, seguida de assinatura, por parte do depoente, de Carta de Cessão. As fitas K7, bem como transcrições definitivas e cartas de cessão, encontram-se arquivadas no Acervo de História Oral, da UNOESC, Campus de Xanxerê. A etapa final consistiu da análise dos discursos dos depoentes.

Na realização das entrevistas, levaram-se em conta elementos como origem étnica e idade. Foram entrevistadas quatro mulheres, com idade entre 60 e 85 anos, e um homem, de 31 anos. Destes, três fazem parte de uma mesma família e constituem três gerações, onde a primeira entrevistada nasceu no ano de 1939, a segunda no ano de 1953, e o terceiro no ano de 1976, onde reconstituíram-se fragmentos de sua cultura, sendo que cada um expressou de forma pessoal e individual suas próprias percepções sobre o processo de mudanças e suas próprias interpretações sobre uma memória coletiva, que nos remete a um período onde o milagre e o maravilhoso, fizeram parte do cotidiano, mas foram cedendo espaço a interpretações mais “racionais” para fenômenos sobrenaturais.

Optou-se pela metodologia da história oral por entender-se mais adequada quando se trata de reconstituir experiências históricas de indivíduos que não produziram outros tipos de registros e que, tampouco, foram objeto de estudo por parte da historiografia tradicional. A historiografia contemporânea vem se abrindo para novas temáticas que buscam maior visibilidade dos processos históricos de formação da nação brasileira, procurando envolver, além das regiões tradicionalmente estudadas, aquelas que ainda carecem de pesquisas (GWYN, 1992).

Resultados e discussões

A religiosidade cabocla, esta mescla de rituais católicos com práticas indígenas e populares, marcada pela consideração às tradições e incorporada a vivências cotidianas, constitui-se em herança, pela qual, por parte de muitos, se tem ainda profundo respeito, patrimônio individual ou coletivo transformado em resistência. Toda uma cultura vivida e desenvolvida por comunidades caboclas, ameaçada e modificada por constantes transformações econômicas, sociais, políticas ou culturais, continua viva, numa espécie de luta para não desaparecer diante de tais mudanças. Segundo Ivone Ceci-

lia D'Ávila Gallo (1999, p. 18), “[...] Desde pelo menos o século XIX vemos instaurado um confronto entre a razão e a fé. [...] a “religião” pertence de tal forma à cultura que, ao invés de se extinguir com o tempo, amolda-se a ele, e as razões para isso poderiam ser as mais diversas”.

Rituais, crenças, lendas, rezas e benzeduras ainda praticados ou dos quais se têm lembranças, persistem, mesmo diante do avanço das forças capitalistas em locais antes improváveis e da disseminação de novas correntes religiosas, muitas das quais também professam o cristianismo, porém em outras linguagens ou variações. Estas nem sempre admitem a cultura religiosa cabocla, impregnada de práticas de benzeduras, santos e histórias de monges que operam milagres.

Manter-se católico e envolvido com seus dogmas e práticas, oficiais ou não, da igreja, em meio ao surgimento de tantas igrejas, é continuar acreditando naquilo que se aprendeu com os pais, na educação que se recebeu e que se ensinou. É manter elos com o passado, um passado no qual não cabe rancores e mágoas, bem como manter e reviver identidades.

Para o caboclo que procura preservar tudo o que aprendeu e repassou aos descendentes, esse conjunto de saberes e práticas, necessárias à sobrevivência e, ao mesmo tempo, espécie de etiqueta, regras de comportamento e convívio social, constitui-se no maior bem que os pais poderiam legar aos filhos, bem de valor inestimável, sagrado. Segundo Dona Elisabet de Sá, nascida em 1953, em Joaçaba (SC), mesmo nas agruras da vida cotidiana, seus pais reservavam um tempo para preencher o imaginário dos filhos e, ao entardecer, prepará-los para mais uma noite de sono: *“Eles sentavam, contavam histórias, histórias lindas, que a gente dormia. Meu Deus! Nem queria acordar, de tão lindas que eram aquelas histórias. E assim, a gente foi crescendo nesse ambiente, de respeito, de educação, de amor com o próximo, de cuidado também”*.

O estilo de vida simples, desprovido de grandes despesas, não parecia merecer preocupação maior. A herança que os pais poderiam e deveriam deixar, o conhecimento e o “jeito certo” de viver, é o que

garantiria aos filhos a segurança e a destreza necessárias para enfrentar a vida.

Segundo José Fraga Fachel (1995, p 70),

Os excluídos, impotentes diante da superioridade dos exploradores, que possuem todos os meios para exercerem a dominação: Estado, forças militares, forças policiais, forças paramilitares, meios de comunicação e tantas outras instituições criadas para isto – ainda que algumas se apresentem disfarçadas em benfeitoras deste povo – utilizam a recusa como uma revolta. Recusa que significa um protesto, um virar as costas a um mundo que lhes é hostil. Talvez olhem, do outro lado, e aí vislumbrem no horizonte uma outra sociedade, onde exista realmente a igualdade, a fraternidade e a liberdade.

Dona Maria Ângela, nascida em 1939, em Paiol de Telha, Catanduvas - (SC), fala sobre a transformação religiosa presente na sociedade atual e que adentrou em sua família. Um de seus filhos, mesmo tendo recebido um milagre do monge quando pequeno, hoje *“ele nem é católico mais, ele é crente”*, pois, após o casamento, ele seguiu os costumes religiosos da esposa que pertencia a outra denominação religiosa. Ela conta que mesmo freqüentando outra religião, *“Ele não dá contra a minha religião e dos meus santos”*, pois eu *“tenho os meus santos, rezo, faço as minhas orações”* e continua fiel a sua religiosidade, enquanto que os filhos *“depois de grande eles já seguem o caminho que querem”*.

Porém ela dirige-se ao monge como sendo seu protetor e diz que recebeu *“muitas graças dele”* e, portanto, as benzeduras que faz ainda hoje são *“em nome de Deus, de Jesus e de São João Maria de Agostinho”*. Afirmo que, ao benzer, pede que *“São João Maria de Agostinho derrame as bênçãos sobre aquela pessoa”*, curando em conjunto com ele. Afirmo também que ao benzer em nome de São João Maria, vê-se a pessoa *“vai ser curada ou não vai”*, porque *“sente”*. Ela não só benze em nome do monge, pois, no momento da benzedura, ocorre de alguma forma a metamorfose da incorporação e da assimilação de poderes – *“Eu sinto o poder de São João Maria de Agostinho”* – tornando esse ato, um ato com poder de cura, intensificando

sua fé. A crença de que é atendida e que opera com poderes advindos do Santo também fica constatada quando diz que tudo o que pede em suas orações recebe: *“graças a Deus, [...] sou atendida”*, diz.

Quando Maria Ângela diz: *“Eu quero ser católica até os últimos dias da minha vida, porque nasci e me criei católica”*, parece estar dizendo não só que se trata da Igreja *“certa”*, mas também de que aquilo que realmente precisava aprender para viver bem e de forma virtuosa, aprendeu ali. Não há necessidade de se buscar filosofias ou explicações fora disso, pois estas não acrescentariam ou melhorariam em nada as coisas. É o que fica explícito também na fala de dona Ernestina Francisca Camargo, nascida em 1923, em Água Doce (SC): *“Eu nasci Católica, morro Católica, não troco de religião. Porque Deus não é palhaço e nem o nome Dele”*.

Portanto, como forma de resistência e fidelidade a valores culturais, Ernestina busca manter-se intacta e fiel a seus ensinamentos recebidos desde o nascimento e também aos hábitos religiosos, pois acredita que *“religião é uma coisa, e Igreja é outra”*, demonstrando sua convicção e resistência frente ao *“novo”* modelo social. Convicta de suas ações ela indaga, *“quem diz que ia haver até isso?”*. Também ela explicita o fato de que tudo o que possui foi através do seu esforço e da ajuda de Deus. Seu depoimento é particularmente interessante e revelador quando diz: *“eu forcejei e Deus me alcançou o que eu pedi”*. E prossegue *“O que nós alcançamos, não é Igreja, não é o padre, não é o evangélico, é a fé e o nome de Deus. Se tu entrar num quarto, rezar e fazer teu pedido, pois Deus alcança”*. Enfatiza ainda que *“de Deus não posso me queixar”*.

É a partir dessa fidelidade e confiança que se encontram ainda hoje presentes em suas casas imagens de santos e, entre elas, o monge João Maria, que ainda se acredita operar milagres. A fé resiste às forças dominadoras e excludentes do capital que, mesmo impondo novos modelos, não consegue atingir profundamente o imaginário popular que se mantém intacto perante a fé. É por esse motivo que o monge *“[...] continua nos oratórios sertanejos ao lado dos santos de sua devoção. Continua a fazer os seus milagres, a atender*

os seus pedintes, nas águas de várias grutas e nascentes, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul”. (CABRAL, 1987, p. 307).

No depoimento de Marcos da Silva, filho da depoente Elisabet de Sá, nascido em Xanxerê, em 1976, percebe-se algumas alterações bastante substanciais no modo de vida. Poucos são os costumes ainda praticados, e a cultura cabocla, apresentada e defendida pelas depoentes anteriores com mais ênfase e paixão, quase desaparece. Salvo o batismo em casa, algumas orações e o pedido da benção aos pais, a essência da cultura apresentada pela mãe não aparece no depoimento.

Para Marcos, o monge parece não ter tanto significado ou importância. As informações que têm adquirido-as principalmente na escola. As depoentes não falam em três monges e nem citam seus nomes “verdadeiros”, falam apenas no monge João Maria. Marcos cita, com certa segurança, informações que se encontram hoje em manuais e obras de autores diversos, como nomes e datas, um conhecimento já sistematizado, “*Sei o que aprendi na escola também*”, diz. Aquilo que as depoentes dizem sobre os monges e seus milagres são informações recebidas de seus pais, de antigos que as vivenciaram, e constituem-se em conhecimento, uma vez que lhes é internalizado, fazendo parte de sua cultura. Uma cultura adquirida em práticas cotidianas e rituais, diferente do conhecimento adquirido na escola.

Os milagres atribuídos aos monges também são relatados de formas diferentes, uma vez que foram apropriados e incorporados de maneiras distintas e em contextos diferenciados, criando sentidos próprios às culturas vivenciadas pelas duas gerações. Os relatos das depoentes evidenciam uma maneira de ver o mundo onde o milagre, ocorrido tanto com gerações anteriores como com elas próprias (Maria Ângela), não só é possível, como pode ser freqüente. A crença no poder do monge de prever acontecimentos futuros (Ernestina e Maria Ângela), ou ainda de antever determinadas situações (Emília), como também de interferir nas leis da natureza (mi-

lagre da multiplicação do pão e da couve), remete-nos à discussão a respeito do maravilhoso, trabalhado por Jacques Le Goff (1990) em sua análise do mundo medieval. Para o autor, o maravilhoso compreende um conjunto de coisas que apenas se pode olhar, admirar, mas também todo um imaginário que pode organizar-se à volta desta ligação a um sentido, o da vista, e em torno de uma série de imagens e metáforas que são imagens vividas.

Segundo as depoentes, os milagres de João Maria eram corriqueiros, quando *“andava pelo mundo”* e também depois, bastando invocar seu nome, como no caso relatado por Maria Ângela a respeito de seu filho. A depoente relatou ainda o que acredita ser um milagre de São João Maria que lhe aconteceu, mais precisamente com seu filho Miguel. Seu marido trabalhava em uma usina, em Chapecozinho, e ela lavava roupa longe de casa. Quando saía, pedia que os filhos mais velhos cuidassem dos demais e, é claro, invocava a presença e proteção do monge. O patrão da família havia cavado um poço atrás da casa deles, com motor, para canalizar a água até sua casa. Maria Ângela lembra que em sua própria casa não havia água encanada. O motor queimou e tiraram-no para arrumar, enquanto os fios e a chave ficaram pendurados em um poste. Então chegou o filho do patrão, *“muito danado”*, segundo ela, e convidou Miguel a ir até o poço mexer nos fios. E, embora ela tenha recomendado que não se aproximassem do poço, as crianças foram até ele. O filho do patrão então sugeriu que Miguel, que tinha na época seis anos, segurasse os fios enquanto ele ligava a chave para ver se dava choque. Quando Miguel pegou os fios, o outro ligou a chave e Miguel *“caiu e ficou se batendo enrolado nos fios”*. Ocorreu então o milagre: Miguel tirou, ele mesmo, com sua outra mão os fios, e, embora tenha saído carne das mãos e formado buracos, conseguiu soltar-se dos fios eletrificados.

Quando Maria Ângela voltou, seu outro filho contou toda a história. Então ela correu para ver a chave e diz que essa ainda estava ligada. *“A chave estava ligada e ele se desligou, então eu achei que São João Maria de Agostinho foi que salvou ele, porque ninguém desligou a*

chave [...] como é que ele conseguiu tirar? [...] Esse ali já foi um milagre. Por isso que eu tinha fé. Daí eu sempre pedia: ‘São João Maria de Agostinho, cuide meus filhos quando eu saio’, conclui.

Milagres carregados de pedagogia mística, o caso da multiplicação da couve e do pão, a exemplo da parábola bíblica, parecem incitar à partilha e fraternidade. O caso do afogamento com a espinha de peixe converte-se em prática corriqueira de benzedura.

Já para Marcos, os milagres do monge fazem parte de um universo de relatos, sem muita vinculação com o dia a dia dele ou de sua família. Para Marcos, o terceiro monge foi “o verdadeiro curandeiro da região do Contestado” e teria ressuscitado a filha de um fazendeiro, Seu Francisco de Almeida, de catalepsia e também teria curado a esposa de um coronel do Contestado. Nota-se a referência aos conhecimentos contidos nos livros, pois Marcos cita com certa precisão nomes e datas. O primeiro monge teria aparecido por volta de 1840, vindo o segundo a aparecer cerca de 30 ou 40 anos depois. O segundo monge era chamado Atanás Marcaf, dados e certezas não apresentados pelas depoentes mais velhas.

As depoentes não citam número de monges. Para as mesmas, existiu o monge João Maria (Apenas Elisabet lembra que ouviu falar em dois monges São João Maria e José Maria, mas que na família de seu pai falava-se mais do João Maria). Também não fazem referência ao Contestado e tampouco a nomes científicos de doenças. Marcos também considera relevante o fato de o terceiro monge ser alfabetizado: “*Esse monge sabia ler, escrevia corretamente o português, tinha certo conhecimento sobre a Língua Portuguesa*”, informações que parecem não ter importância às depoentes, que centram suas falas em milagres simples, praticados junto a pessoas simples, que podem se repetir, pois três delas ainda manifestam fé no poder do monge.

De maneira geral, Marcos manifesta não se identificar com a cultura cabocla. Questionado sobre como vê a cultura cabocla hoje e se sente-se caboclo, respondeu: “*Na verdade eu não me sinto caboclo*”. Diz que muitos costumes perderam-se e que seu pai e sua mãe tinham uma tradição, e que procura “*alguma coisa conservar ainda*”.

Mas encerra seu depoimento com a afirmativa: “*Não me sinto caboclo.*” Fica evidente a idéia de que seus pais pertenceram a uma tradição que já não existe. O que existem são resquícios, os quais, por questão de respeito e hábito, conservam como o já citado batismo em casa e o pedido da bênção aos pais e outros parentes mais velhos.

Percebe-se que o contexto influencia no modo de ver e perceber os fatos, pois a necessidade interage diretamente na interpretação e na crença das pessoas. Quando Maria Ângela conta que viveu num contexto de agruras e dificuldades devido à falta de dinheiro e mesmo a distância para com as cidades, evidencia esse imaginário cheio de crenças e revelações que fazem parte do sobrenatural, ou seja, é criado e vivenciado a partir da fé individual que gera uma crença coletiva capaz de tornar real o que para outros, é irreal ou imaginário. Em nenhum momento ela questiona a veracidade dos fatos ocorridos em sua vida, explicados por ela como milagres feitos pelo monge João Maria. Ainda hoje, vivendo num período em que a cientificidade dos fatos é buscada e divulgada constantemente, em que novas crenças religiosas adentram no cotidiano das pessoas com grande facilidade, ela faz suas orações e benzeduras, buscando no monge proteção de si mesma, de seus filhos e também a segurança de seus bens materiais, pois aprendeu com seus pais que basta chamar por ele três vezes que ele estará presente.

A depoente relata a prática do batismo em casa como sendo uma cultura que pertencia ao caboclo, ou seja, fazia parte de sua crença, pois quando seu pai estava para nascer, seu avo pediu que o monge permanecesse ali para ser o padrinho de seu filho, mas como o monge não ficava mais do que três dias no mesmo local, este pediu ao pai que “*A hora que esse guri nascer, chame o meu nome três vezes, que eu serei o padrinho*”. Ao nascer a criança, o pai então invocou o nome do monge três vezes, e este, quando cresceu, passou a tratar o monge como seu padrinho, ou seja, o batismo era uma forma de compromisso e fé para com o monge, e esta fé não exigia presença física para que o compromisso fosse concretizado.

Elisabet de Sá explica a crença e a cultura de seus ancestrais,

vivenciada por ela em parte, a partir de um ideário mais atual, ou seja, dentro da sua própria crença religiosa, com forte conotação do discurso oficial da Igreja, presente em seu catecismo. Elisabet é sobrinha de Maria Ângela, e foi educada num momento em que a penetração e presença da Igreja institucionalizada eram mais comuns. A possibilidade de freqüentar a Igreja e praticar seus ritos era uma realidade, coisa que para as gerações anteriores parecia distante. Elisabet tornou-se uma agente atuante na Igreja. Foi catequista, ministra e participou de diversas pastorais, atuando ainda hoje como agente de pastoral. Muitos dos costumes anteriores já aparecem “explicados” em seu discurso, e a atmosfera de encantamento e milagre presentes nos discursos de Maria Ângela e Ernestina são boas lembranças de outros tempos.

Práticas como o batismo em casa, por exemplo, deixam de ter uma conotação tradicional, onde a relação com a natureza e uso das águas, passa a ser explicada pelo viés da demora da vinda do padre, ou mesmo como sendo uma iniciação para o batismo feito na Igreja, perdendo assim parte do significado fraternal e místico que tinha para os caboclos que depositavam grande crença do monge.

Algumas das depoentes disseram ter conhecido as fontes do monge (pocinhos) nas quais iam buscar água benta para tomar e fazer seus benzimentos. Estas águas também eram utilizadas, e ainda são, para a prática do Batismo em casa, pois foram abençoadas pelo monge. Para Elisabet as águas do batismo em casa não são bentas, ou seja

[...] era feito um ritual da água. Claro que a água não era benta. [...] Hoje em dia, a gente, tendo uma visão mais da caminhada da Igreja, a gente vê que a questão do rezar o Creio, é profissão de fé. E daí a gente faz o ritual do batismo: ‘Em nome de Deus pai, filho, Espírito Santo’. A água do batismo, que botava na baciinha, que batizava a criança, sempre era jogada ou numa fonte de água, ou numa água que corria, porque era assim mesmo o ritual. [...] esse ritual é próprio da cultura cabocla. [...] na família do meu pai, dizia que era uma iniciação; hoje, a gente diria assim, uma iniciação para a comunidade. Não era uma coisa assim que fazia o batismo em casa e chegava.”

Então, o batismo, que antes praticado em casa era fato consumado, segundo a depoente, ela ainda pratica o ritual do batismo em casa, porém este só é sacramentado com a benção do padre na Igreja. É a presença nítida da oficialidade.

Marcos demonstra viver em outra era, onde o conhecimento se constrói a partir de informações concretas, sem dar muita importância à cultura tradicional de seus antepassados. Conserva alguns costumes, mas não demonstra muita segurança sobre o seu real significado. Porém, observando as sociedades atuais e analisando o quanto se perdeu do sentimento de coletividade, de fraternidade e mística, consegue-se entender um pouco da racionalidade mostrada em seu depoimento. A sociedade não possibilita muito espaço para a preservação de manifestações culturais mais tradicionais, e interessa que seus membros sejam aculturados e moldados pelo sistema atual. Especialmente quando se trata de culturas marginalizadas ou absorvidas, o que também é uma espécie de extinção.

As histórias contadas pelos mais velhos foram substituídas por aquelas criadas a partir de outras realidades, escritas, comercializadas, que se encontram nas escolas, e que parecem ter verdadeiro valor, como as conhecidas: *Chapeuzinho Vermelho*, *Branca de neve e João e Maria*, com seus castelos, príncipes e fadas, que trazem modelos aceitos em todas as sociedades. Ricas tradições de populações ágrafas, que transmitem trajetórias de vida e valores coletivos, perdem-se em meio à padronização imposta.

Tornar história a memória destas pessoas é oportunizar às futuras gerações o conhecimento de uma cultura que aos poucos foi sendo esquecida e desvalorizada. Tradições culturais, conhecimento religioso, práticas de cura, remédios caseiros, foram se perdendo ao longo dos tempos, pois os filhos deixaram de acreditar no imaginário vivido pelos pais. A oralidade perde importância e a memória não se perpetua quando perde seu significado e utilidade.

Dar sentido e significado a estas histórias é uma forma encontrada pelas depoentes Ernestina e Maria Ângela de resistência, pois se

deixarem de lado toda sua crença, qual seria seu sentido de vida? Para elas a família é seu bem mais precioso, e então como se desfazer dos ensinamentos repassados por seus pais? Permitir que seus filhos tenham outras religiões é uma forma de se moldar a sociedade atual, mas questionar tudo o que vivenciaram e viveram, é deixar de viver, pois a vida deixaria de ter significado. Como querer explicar um fato - milagre que ocorreu há tantos anos, se para elas foi real?

Conclusões

Épocas e contextos diferentes, com seus próprios desafios, dificuldades, sabores e dissabores foram elementos encontrados na pesquisa. As mudanças percebidas nos discursos que inevitavelmente remetem às práticas e modos de vida das três gerações entrevistadas evidenciam tendências comuns em sociedades industrializadas onde os costumes sofrem modificações rápidas com as novas dinâmicas econômicas observadas. Para os caboclos, aderir aos novos rituais e participar de rituais antigos (re) elaborados e (re) significados, foi uma forma de manter as práticas culturais de seus ancestrais, numa espécie de resistência, ao mesmo tempo em que seriam aceitos no universo cristão que se impunha.

Os pais, antes detentores do conhecimento e da sabedoria (*“Quando se tinha uma dúvida, o que você fazia? Você perguntava aos pais”*, diz Marcos), foram sendo substituídos por outras formas de autoridade, como televisão e internet que aos poucos, passam a ditar não só informações, como também padrões de conduta. Para Marcos, as reuniões familiares para cantar ou rezar foram substituídas pela TV, que compromete os indivíduos, tornando-os assíduos. A internet possibilita maior autonomia ao indivíduo: *“... isso daqui eu faço sozinho... vou à internet”*, diz Marcos.

Para Elisabet, a cultura cabocla sofre com o avanço do sistema capitalista, que provoca uma desestruturação familiar, pois *“Se a gente for ver hoje como é a questão familiar, já não é mais assim, o pai e a mãe e os filhos. Às vezes é o pai e os filhos, a mãe e os filhos, a vó e os*

filhos. Essa desestruturação familiar tem muito a ver. E claro que tem influência do sistema capitalista, modelo de sociedade, que leva pro individualismo, pro consumismo. Vale tudo. Vale tudo.”, diz a depoente.

Com a desestruturação e interferência da sociedade atual nas famílias, os pais, em muitos casos, deixam de ser exemplos de orgulho e conduta para os filhos, e os ensinamentos perdem espaço e são substituídos por saberes virtuais e científicos, colocando em dúvida saberes e costumes que fortalecem culturas e formam maior unidade familiar. No depoimento de Dona Elisabet, ela deixa claro o quanto se orgulha do pai: “[...] *se tem pessoa no mundo que eu admiro, é meu pai*”, e por isso procura conservar parte de seus ensinamentos perante sua família.

Mas como diz Dona Ernestina, os filhos obedeciam às ordens dadas pelos pais, e os pais se preocupavam com os exemplos que davam a seus filhos, *“pai e mãe não brigavam perto dos filhos, pra não ficarem desordeiros. Mas onde hoje?”* Hoje, os pais atarefados com seus problemas diários muitas vezes nem percebem a presença de seus filhos e em muitos casos, preferem deixá-los em creches ou outras instituições para poderem assim trabalhar e prover a estes os bens materiais, deixando de lado a parte do emocional, do exemplo e da afetividade. Isso provoca em muitos casos a substituição do ser pelo ter, deixando assim o pai de ser uma figura admirável para ser apenas um provedor, sendo visto mais pelo lado material do que pelo humano.

Dona Emília Nunes de Araújo, nascida em 1925 em Não me Toque (RS), relata que seus filhos desde a mais tenra idade sempre a ajudaram no trabalho e a ajudam até hoje. Ela agradece a Deus, *“porque criei esses 8 filhos, nunca perdi nem um filho até agora e sempre eles me obedeceram, e obedeciam o pai deles, e o pai deles nunca bateu neles. Nunca, nunca, nunca. [...] Eles se criaram todos assim. Não tem nenhum que tenha vício assim ruim, nenhum”*. Hoje ela mora com um de seus filhos que professa outra religião, na qual, não existem milagres feitos por santos na Bíblia, apenas Deus é capaz de operá-los. Isso faz com que ela questione tudo o que vivenciou enquanto cri-

ança, e até mesmo os relatos de milagres mostrados por ela no seu depoimento, ou seja, ela tem em sua memória milagres feitos pelo monge, mas questiona sua veracidade. Por não saber ler, ela ouviu de seus filhos a verdade que está escrita, portanto incontestável para muitos. “[...] eu primeiro rezava muito. Mas agora eu não sei, depois que os meus filhos [...] que liam muito a Bíblia pra mim, aí eu não sei. Eles dizem que, diz na Bíblia, que santo não existe. Aí então converso mais com Deus, com Jesus.” A dúvida lhe foi apresentada e ela não consegue encontrar sua própria verdade. Estaria negando seu passado, sua identidade?

Uma vez que as novas gerações passam a ter maior acesso à informação e as possibilidades de instrução se ampliam, especialmente para públicos mais jovens, os pais, que normalmente não estão nas escolas ou em contato maior com as novas tecnologias, acabam por “depende”, em parte, de auxílio dos filhos, quando se trata de informações e da necessidade de adaptar-se. O caso de caixas eletrônicas, serviços prestados pela internet, e até mesmo a leitura e interpretação de textos, são exemplos que fazem com que os pais passem a necessitar cada vez mais da ajuda dos filhos, tornando-se cada vez mais dependentes.

O processo de industrialização e geração de empregos nas grandes cidades, a escassez de terras para o plantio e as dificuldades de se manter no campo, fez com que os caboclos, na sua grande maioria, tornassem-se mão-de-obra assalariada para as empresas, transformando assim os seus hábitos alimentares, já que hoje ele compra praticamente todos os produtos que consome. Pode-se dizer que continua à margem de um sistema que teoricamente propicia igualdades de oportunidades e de bens materiais, porém foi totalmente introduzido na cadeia produtiva e geradora de lucros ao capital. Não se tornou dono dos meios de produção, mas foi absorvido como sustentáculo da cadeia produtiva, vendendo sua força de trabalho em troca do consumismo necessário à sobrevivência, e muitos de seus costumes correspondem a anseios da sociedade atual.

Na memória das depoentes, encontram-se vestígios de uma

cultura naturalista que é desejada pela população atual, na qual busca-se uma alimentação mais saudável e menos degradante para a natureza.

Naquele tempo, sabe o que, o porco era criado, só com milho. Milho, mandioca e abóbora, essas coisas. E não tinha esses negócios de ração, não tinha nada. Era, era tudo uma coisa pura né. Nem nas hortas não se botava, não se botava esses adubos que botam hoje. Você colhia uma salada, dava gosto de comer aquela salada. Colhia um tomate, dava gosto de comer um tomate. Hoje em dia o tomate tem gosto de... gosto ruim, gosto de veneno. Até a maçã pra comer! Acontece que naquele tempo era tudo, não tinha nada, era tudo natural.

Retirar da natureza o necessário para a manutenção da vida hoje se chama economia auto-sustentável, ecologia e preservação da natureza, porém para o caboclo significava viver bem.

Notas

* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF); professor na Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Xanxerê; membro do grupo de pesquisa Educação, Estado e Sociedade – Unoesc, Campus de Xanxerê; coordenador do projeto História e Memória – Unoesc. delciomarquetti@yahoo.com.br

** Graduada em História pela Universidade do Oeste de Santa Catarina, UNOESC, Campus de Xanxerê; professora na rede pública estadual de Santa Catarina; especialista em História pela Celer. jura.bls@hotmail.com

Referências

ARAÚJO, Emília Nunes de. **Cultura cabocla**. Xanxerê: 26.07.2007. Entrevista concedida aos autores.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

CABRAL, Oswaldo R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 3ª edição 1987.

CAMARGO, Ernestina Francisca. **Cultura cabocla**. Xanxerê: 31.05.2007. Entrevista concedida aos autores.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis: Editora da UFRGS, 1995.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **O contestado**. O sonho do milênio igualitário. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

GWYN, Prins. História Oral. In. Peter Burke (org). **A Escrita da História** – novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992. pp 163 à 198.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. In: **Cadernos do CEOM**. Ano 5, nº 7, abril/1991. Chapecó: Fundeste. p. 47 à 88.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.

SÁ, Elisabet de. **Cultura cabocla**. Xanxerê: 13.04.2007. Entrevista concedida aos autores.

SILVA, Marcos Rosa da. **Cultura cabocla**. Xanxerê: 18.11.2007. Entrevista concedida aos autores.

VASEAK, Maria Ângela. **Cultura cabocla**. Xanxerê: 05.06.2007. Entrevista concedida aos autores.